

SEXO, POLÍTICA E CULTURA EM A FONTE DAS MULHERESSEX, POLITICS AND CULTURE IN *LA SOURCE DES FEMMES*

Envio: 01/04/2020 ◆ Aceite: 09/04/2020

Talissa Teixeira Coelho

Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

José Fábio da Silva

Doutorando e Mestre em História pela Universidade Federal de Goiás (UFG), licenciado em História pela Universidade Estadual de Goiás (UEG).

RESUMO

Embora seja muitas vezes percebido como um aspecto da vida privada, o sexo é um fator crucial na organização das relações sociais. E ao falarmos em sexo, não nos referimos somente as construções baseadas em critérios biológicos ou de gêneros, mas as relações sexuais em si. Sendo assim, este trabalho aborda a importância política e social do ato sexual por meio da análise do filme *A Fonte das Mulheres* (2001), dirigido pelo cineasta romeno Radu Mihaileanu. O filme conta a história de um grupo de mulheres de uma aldeia islâmica que organizam uma greve de sexo reivindicando água encanada. Analisamos como as personagens lidam com a questão, os impactos na sociedade retratada, quais as concepções do diretor presentes na narrativa e em como o filme contribui para compreendermos a sociedade atual.

PALAVRAS-CHAVE: Cinema; Cultura; Feminino; Mihaileanu.

ABSTRACT:

Although it is often perceived as an aspect of private life, sex is a crucial factor in the organization of social relationships. And when we talk about sex, we are not only referring to constructions based on biological or gender criteria, but to sexual relations themselves. Therefore, this work addresses the political and social importance of the sexual act through the analysis of the film *A Fonte das Mulheres* (2001), directed by the Romanian filmmaker Radu Mihaileanu. The film tells the story of a group of women from an Islamic village who are organizing a sex strike claiming piped water. We analyze how the characters deal with the issue, the impacts on the society portrayed, what the director's conceptions are in the narrative and how the film contributes to understanding today's society.

KEYWORDS: Cinema; Culture; Feminine; Mihaileanu;

INTRODUÇÃO

A Fonte das Mulheres retrata a história de um grupo de mulheres em um povoado entre o Norte da África e o Oriente médio, que cansadas de buscarem água em uma fonte distante, organizam-se em torno de uma greve de sexo para forçar os homens a realizar esse trabalho. O filme, dirigido por Radu Mihaileanu, foi produzido em 2011 e lançado no Brasil em janeiro de 2012. Mihaileanu, além da direção, também assina o roteiro, em parceria com Alain-Michel Blanc e Catherine Ramberg, além da produção e adaptação dos diálogos para o dialeto marroquino Darija.

Mihaileanu se inspirou em um caso real ocorrido na Turquia em 2001, na qual um grupo de mulheres reivindicavam uma solução para o problema de abastecimento de água local. Esse acontecimento repercutiu em jornais internacionais na época, inclusive no Brasil em periódicos como o *Estadão*, *BBC Brasil*, revista *ISTOÉ*, *Dourados News* e *Diário do grande ABC*.

Mulheres turcas fazem greve de sexo.

As mulheres de uma aldeia do sul da Turquia impuseram boicote às relações sexuais com seus maridos até que os homens providenciem água corrente para o povoado. Há cerca de um mês, as mulheres da aldeia de Sirt, perto do resort de Antalya, no Mediterrâneo, expulsaram seus maridos do quarto de dormir. O boicote foi imposto pelas mulheres já à beira da exaustão por terem de percorrer diariamente vários quilômetros para abastecer suas famílias de água, disse, entre outros, o jornal *Milliyet*. O diário *Hurriyet* garante que a maioria das mulheres do lugar aderiu ao protesto. "Nossas mulheres têm o direito de protestar, mas somos nós que sofremos com isso", disse o líder da comunidade, Ibrahim Sari. Os homens da comunidade solicitaram uma entrevista com o governador Mehmet Capmaz para pedir o reparo do sistema de distribuição de águas e até sugeriram que ele ceda o material para que possam consertar o encanamento. Capmaz não foi encontrado para comentar o caso, mas um de seus assessores confirmou o pedido de ajuda (AGÊNCIA Estado, 2001, p. 1).

Apesar de se inspirar em um caso real, *A fonte das Mulheres* se trata de uma obra ficcional. A obra apresenta aspectos da cultura muçulmana a partir de uma livre adaptação de *Lisístrata*, peça grega escrita por Aristófanes e encenada em 411 a.C. A peça é uma comédia, que conta a história de um grupo de mulheres atenienses cansadas de uma guerra que se estendia entre Atenas e Esparta e da ausência dos homens na cidade. Decidiram pôr um fim ao conflito através de duas decisões: uma política, a tomada da Acrópole e do tesouro público

que servia para financiar a guerra e a outra através de uma greve de sexo, recusando os maridos, até que fosse assinado um tratado de paz.

Antes das gravações, o elenco e os produtores permaneceram na região onde o filme foi gravado, uma aldeia marroquina a 50 km de Marrakesh, por trinta dias convivendo com pessoas locais. Em entrevista ao site *Escribiendocine*, o autor menciona que a personagem Leila foi inspirada em uma moradora local, que assim como a personagem do filme também sabia ler e escrever, possuía um ponto de vista diferente das outras mulheres da região e um bom relacionamento com o marido.

O papel do indivíduo na mudança social nesse caso pode ser visto em um duplo aspecto: o primeiro, se refere a atuação da personagem na organização da greve, o segundo se refere a forma como Mihaileanu propõe a análise desse papel ativo do indivíduo por meio do cinema. A sociedade apresentada no filme é analisada para além das relações de poder levando em conta o fator cultural como uma das questões que irá definir como a greve acontece e como ela é vista. Nesse sentido as questões levantadas em torno da obra cinematográfica foram desenvolvidas a partir da concepção do cinema como objeto da história cultural, o cinema como um produto do seu tempo capaz de revelar as concepções, interesses políticos e sociais e ideologias diversas. O filme não possibilita um acesso ao passado, mas as interpretações desse passado a partir da subjetividade dos autores. Na perspectiva de Santos:

as perguntas lançadas a esse tipo de fonte e os problemas históricos que nele se buscará analisar são outros, não mais aqueles afinados a uma narrativa do que aconteceu, uma quase reconstrução da trajetória de homens e processos históricos, mas uma problematização e compreensão do modo como os homens pensavam, entendiam e representavam certos aspectos de seu contexto, perpassados por interesses e posições ideológicas (SANTOS, 2016, p. 19).

A partir dessa concepção, buscamos compreender o modo como a aldeia retratada no filme funciona e a postura que as personagens, principalmente as mulheres, assumem. Chegamos ao principal dilema, envolvendo as complexas interações entre indivíduo e sociedade e a maneira como as mulheres se unem enquanto grupo e como elas se apresentam como personagem com sentimentos e intenções variadas. Ao mesmo tempo compreendendo que cada aspecto apresentado no filme dialoga com questões relevantes e vigentes em nossa sociedade atual e se torna um ponto de reflexão.

No que permeia a questão feminina em relação à produção histórica, a análise em questão foi pautada nas relações de poder estabelecidas naquela comunidade e nos fatores que até então fizeram com que a mulher permanecesse em segundo plano, até que, a partir da greve, ela se tornasse autora de sua própria história e nos mostrasse através do filme o seu cotidiano até então ignorado. No que se refere as contribuições para as relações entre homens e mulheres dentro da história a partir do ponto de vista de Joan Scott, quando ela menciona que é preciso saber porque houve esse silenciamento.

Fica evidente, diante desta perspectiva, que o conhecimento histórico não é o documento fiel da realidade vivida, logo, não documenta as reais e únicas condições vivenciadas por homens e mulheres ao longo do tempo, ela sim, oferece um modo de compreensão e uma contribuição ao processo através do qual o gênero é produzido (SIQUEIRA, 2008, p. 2).

O filme contribui historicamente, a partir do momento em que ele quebra com a invisibilidade e a atuação feminina, por meio da greve, como estratégia política para mudar uma condição estabelecida pela tradição. Napolitano (2001, p. 237) menciona que o principal aspecto que devemos levar em conta em relação a obra cinematográfica é entender o porquê das adaptações, omissões ou falsificações em relação a realidade. Um dos caminhos para compreendermos a forma como o filme realiza tais objetivos expondo o papel da mulher e mostrando a forma como o conflito se desenvolve naquela comunidade, é tendo em mente a mensagem que o filme constrói, levando-se em conta a relação entre história e cinema.

RADU MIHAILEANU E A ESCOLHA POR REPRESENTAR A CULTURA ISLÂMICA EM A FONTE DAS MULHERES

Durante o Forum D'Avignon 2012, que tinha como tema: "Cultura: razões para se esperar, imaginando e transmitindo", a Cineeuropa publicou um conjunto de entrevistas com várias personalidades do setor cultural. Radu Mihaileanu foi um desses entrevistados. As questões giravam em torno da esperança para um mundo melhor através da arte e da cultura.

Cineeuropa - Qual seria a iniciativa pessoal / projeto / trabalho que incorpora sua razão para esperar?

Radu Mihaileanu - Através dos meus filmes, eu tento, e não tenho a certeza de ter sucesso, fazer as pessoas pensar e dar esperança novamente para enfrentar os desafios do nosso tempo. Em *Viver e se tornar*, lançado em 2005, que conta a história dos judeus etíopes que imigraram para Israel, e particularmente este jovem etíope que deixa sua mãe e seu país para evitar morrer, a metáfora dessas quatro mães que juntam as mãos para salvar uma

criança é a metáfora da vontade de salvar nosso "planeta criança". Em *O concerto*, eu queria mostrar que algum dia, poderíamos alcançar a harmonia, como aquela entre um violino solo e uma orquestra, metáforas das relações entre o indivíduo e a comunidade. Na *Fonte das mulheres*, pergunto-me sobre a nossa capacidade de amar e sobre os direitos das mulheres. Eu também tenho muitas atividades para defender a política cultural e o "droit d'auteur" através das minhas atividades com a sociedade civil de autores, diretores e produtores (ADP) e com a sociedade de autores e compositores dramaturgos (SPAC). Eu também fui embaixador europeu pelo Diálogo Intercultural e no próximo ano, embaixador europeu pela Criação e inovação. Meu sonho é organizar uma sociedade civil europeia de autores, diretores e produtores, por isso eu já comecei um manifesto de cultura onde a educação também desempenha um papel central (LEMERCIER, 2012, on-line).¹

O autor apresenta uma preocupação com o conflito cultural, especialmente aos derivados ou agravados em virtude de fatores migratórios. Mihaileanu e sua família passaram pela mesma questão por motivos políticos. O seu pai viveu o nazismo e na época era comunista e o Partido ajudou em sua fuga. Radu Mihaileanu anos depois enfrentou o regime comunista instalado na Romênia, o comunismo que anteriormente seu pai acreditava. Sua obra cinematográfica reflete preocupações que pertencem a nossa atualidade. Aborda a tragédia da vida e ao mesmo tempo a superação da tragédia através do humor. Os trabalhos realizados por Mihaileanu no cinema dialoga com a relação entre o indivíduo e o todo, entre trajetórias pessoais e uma época. Permeia um conjunto de circunstâncias históricas em que muitas vezes esses indivíduos são encurralados e acabam por criar maneiras de encarar ou de fugir dessas situações.

Segundo o autor a escolha pela cultura islâmica se deu pelo significado do Islã para o ocidente, geralmente associado a questões extremistas ao caráter machista de sua cultura. Em muitos países praticantes do Islã, a mulher tem acesso a poucos direitos e é inferiorizada,

¹ Texto original: **What would be the personal initiative / project / work that embodies your reason to hope.** Through my movies, I try, and I am not sure that I succeed, to make people think and to give hope again to take up the challenges of our times. In *Live and Become*, released in 2005, which tells the story of Ethiopian Jews immigrated in Israel, and particularly this Ethiopian young boy who leaves his mother and his country to avoid to die, the metaphor of those four mothers who join hands to save a child is the metaphor of the will to save our "child planet". In *The Concert*, I wanted to show that someday, we would be able to reach harmony, like the one between a solo violin and an orchestra, metaphors of the relations between the individual and the community. In *The Source*, I wonder about our ability to love and about the women's rights. I also have many activities to defend the cultural policy and the "droit d'auteur" through my activities with the civil society of authors, directors and producers (ADP) and with the society of playwright authors and composers (SPAC). I also was European ambassador for the Intercultural Dialogue, and the next year, European ambassador for Creation and innovation. My dream is to organize a European civil society of authors, directors and producers that is why I already started a manifesto of culture where education also plays a central role.

ficando subordinada ao homem. Para o mundo ocidental o que mais representaria hoje o atraso em relação aos direitos das mulheres seria o islamismo. Mas a proposta de Milhaeanu está para além da representação da cultura islâmica para o Ocidente, o autor fez uma escolha irônica e proposital para também revelar problemas que ainda enfrentamos. O autor trabalha com temas como liberdade, tragédia, comédia, identidade e esperança, temas que são inerentes a condição humana e podem ser pensados em todas as sociedades. O autor aborda essa questão em uma entrevista cedida durante a edição de 2011 do Festival de Cannes:

O filme não é apenas para o mundo árabe. Em nossas sociedades ocidentais, a igualdade ainda está longe de ser perfeita entre homens e mulheres. Quando pego o Trem Paris-Bruxelas, a primeira classe, a de pessoas que têm poder, é ocupada por homens. E então, o filme também fala sobre o amor entre o homem e a mulher. Esta relação é cada vez mais difícil em todas as sociedades porque todos se amam cada vez mais. Por medo, temos cada vez menos a capacidade de amar os outros. Uma das razões é que estamos sem tempo. O tempo está quebrado em nossas sociedades. Nossa única preocupação é com nós mesmos² (DENIS, 2011, on-line).

O dilema principal do filme, segundo Milhaeanu, seria a ideia do amor. Ele acredita que seria essencial para o convívio entre homens e mulheres e a superação de determinadas condições desfavoráveis pelas quais a mulher passa. O amor para ele é a solução dos conflitos: quando as mulheres entram em greve não é só pela água, mas também por essa percepção de amor, um amor que é capaz de olhar para o outro. Quando as Mulheres constroem como forma de manifestação um poço e escrevem “Seus corações são secos e espinhosos como esse poço”, dizendo aos homens, a seca é uma metáfora para essa impossibilidade de tentar compreender o outro e de também refletir sobre si mesmo.

O filme insere o espectador numa aldeia islâmica e em um exercício que o próprio autor realiza de tentar compreender o outro. Ao mesmo tempo em que mostra o atraso e a falta do acesso a direitos considerados básicos no mundo ocidental, não o faz de maneira pejorativa. Insere nessa atmosfera cultural e mostra que não existe, mesmo em uma pequena aldeia, uma visão de mundo homogênea. Nem todos os moradores da aldeia aceitam

² Le film ne s'adresse pas qu'au monde arabe. Dans nos sociétés occidentales, l'égalité est encore loin d'être parfaite entre hommes et femmes. Quand je prends le Thalys Paris-Bruxelles, la première classe, celle des gens qui ont du pouvoir, est occupée par des hommes. Et puis, le film parle aussi de l'amour entre l'homme et la femme. Cette relation est de plus en plus difficile dans toutes les sociétés, car chacun s'aime lui-même de plus en plus. Par peur, nous avons de moins en moins la capacité d'aimer les autres. Une des raisons, c'est que nous n'avons plus de temps. Le temps est brisé dans nos sociétés. Notre seule préoccupation, c'est nous-même.

passivamente a forma de pensamento predominante no local. Sami, o marido de Leila, apoia a iniciativa das mulheres da aldeia e defende que a convivência com outras culturas faz com que o indivíduo questione sua própria cultura e a forma como as coisas acontecem. As mulheres no filme não assumem o papel de vítimas, mas de atuantes da sua história. Elas vivem dentro desse universo cultural e acreditam no que vivem, mas ao mesmo tempo são conscientes da sua realidade e das dificuldades que enfrentam no dia-a-dia. Em entrevista concedida ao jornal *O Globo*, Mihaileanu fala da sua visão sobre o cinema e o papel que ele cumpre.

Não me interessa reproduzir a realidade. Eu faço filmes porque o cinema pode transcender o real. E é a transcendência que eu quero. Isso vem da minha origem judaica. Os contos judeus sempre retrataram o que está à sua volta com um apreço pelo absurdo, pelo inusitado, como a barata de Kafka (*O Globo*, 2012, on-line).

Uma greve de sexo parece algo risível e causa estranhamento para esse tipo de sociedade. A principal chave para entender esse aspecto estaria na própria ideia de humor, tanto grega, como judaica. É através do riso e da sátira que essa situação aparentemente absurda pode ser superada e mostrada ao mundo.

A comédia é uma forma de compreender como a narrativa do filme se desenrola, Mihaileanu possui muitas características presentes no anedotário judaico. Para compreendermos essa presença em *A Fonte das Mulheres* do anedotário judaico é necessário voltar ao *Trem da vida*. Em uma entrevista do diretor ao C7nema Mihaileanu fala da visão cultural que o judaísmo tem sobre o riso e a tragédia.

C7NEMA-Ao mesmo tempo, o filme tem uma abordagem cômica de um assunto muito sensível. Teve medo de incomodar as pessoas com este enfoque na altura?

Radu Mihaileanu-Por causa da comédia? Não, porque na cultura judaica o cômico, o riso, são apenas outras formas de chorar. Não é uma comédia para fazer graça com a tragédia, antes baseia-se num ditado judeu que diz que “choramos com um olho e rimos com outro” (risos). O riso é parte da tragédia. Em toda a nossa história nós vivemos tragédias e nos mantivemos vivos por causa do nosso humor. É uma forma de sobrevivência. Quanto mais sofremos, mais tragédias vivemos, mais tentamos nos defender através do humor (NUNES, 2013, p.1).

Sobre a narrativa que o diretor constrói, o principal aspecto que ele enfatiza é o da fábula, ou seja, ele tem uma lição em mente quando constrói essa narrativa. A partir do modelo das fábulas ele nos mostra a vitória do mais fraco, a partir daquilo que ele tem domínio no caso das mulheres, o sexo, uma tomada de poder a partir do sexo. Tanto que um dos

principais personagens, o Jornalista que divulga a greve, ajuda no desenrolar da trama e faz com que ela chegue as autoridades, compara as mulheres aos insetos do deserto, que era o foco de sua análise quando ele chega na aldeia, mostrando como os insetos resistem ao clima inóspito do deserto e ao mesmo tempo como eles mantêm o equilíbrio do lugar, a sutileza deles dentro do ecossistema e ao mesmo tempo sua relevância. Nesse sentido, é bem ilustrativa uma das falas do personagem: Nunca devemos nos dar por vencidos. O infinitamente pequeno pode se revelar, mais majestoso do que tudo que parece grande. A água, o frescor, a vida, e até o amor podem brotar a qualquer momento. (A FONTE DAS MULHERES, 1:46:29).

O filme se passa no que o autor chama de “um não lugar”, entre o Norte da África e Oriente Médio. A escolha pelo não lugar conforme o autor cita (2012) em entrevista se dá pelo fato dele querer representar o oriente médio em geral, um retrato universal para que os países árabes possam se reconhecer na obra, o que também é uma maneira de narrar os contos orientais.

A trama apresenta uma visão geral das religiões monoteístas, o que fica visível na fala da Leila. Quando ela discute com Imame sobre o Corão.

Leila- Mas o que é o Islã? E a sabedoria do profeta? O que é a religião? É a feliz comunhão com Alá. O Islã nos dá regras de vida em comunidade, o respeito e amor sacia nossa sede de espiritualidade, ele nos eleva, eleva todos os homens e mulheres. Todo o resto é apenas interpretação (A FONTE DAS MULHERES, 1:29:08).

Um conceito universal de religião que se refere as religiões monoteístas é que a ligação com Deus seria algo maior do que os dogmas presentes, o resto é como o homem vê as coisas. O que acontece na aldeia poderia representar outro povo porque é uma visão geral em cima da questão da interpretação e de como as pessoas se apropriam em favor de si mesma. Como o atraso e a religião se misturam, a falta de espaço que um grupo tem em detrimento dessas interpretações que subjagam o outro.

A Fonte das Mulheres é um filme que nos mostra como uma cultura é constituída para além de questões fundamentalistas. Mihaileanu preocupa em mostrar como o machismo e as distorções religiosas são perpetuadas. Sua obra será sempre o olhar do outro, é uma representação da cultura árabe que serve mais de apresentação para o público estrangeiro do que como representação de uma comunidade real. Por isso a escolha por não determinar lugares, o que dificultaria o trabalho, a sutileza do não lugar permite que mais pessoas possam

se ver diante dessa situação e o absurdo chama a atenção para situações reais das lutas femininas.

Em entrevista Mihaileanu fala sobre a sua preocupação em representar a cultura árabe, a preocupação em não estereotipar.

Quando abordo outras culturas, tenho medo de ser muito prisioneiro da minha cultura ocidental. Meu objetivo é tentar me localizar na subjetividade desse outro, tentando esquecer um pouco os mecanismos de pensamento da minha própria cultura. E assim percebi que muitas vezes o Ocidente desconhece a cultura árabe muçulmana

Escribiendocine- Seu filme pode ser pesado contra o que acontece também na França, onde atualmente há uma controvérsia em torno da xenofobia?

A França, como todos os países, é algo muito complexo. Da mesma forma que a comunidade árabe, que gostou muito do filme, embora haja um lado muito menor e machista que não gostou de nada, porque não quer que as mulheres emanciparem. Depois, há o público francês, que é em grande parte democrata, e descobriu no filme uma maneira diferente de enfrentar o mundo muçulmano. E eles conseguiram identificar-se e encontrar problemas semelhantes com a sociedade europeia. Na França, também existem extremistas, racistas, que não foram para ver o filme ou não gostaram³ (OBREGÓN, 2012, p.1).

Para além dos estereótipos do mundo muçulmano, apresentado muitas vezes como fundamentalista, os aspectos culturais são ressaltados na trama através das canções e da rotina no qual o espectador é inserido no decorrer da narrativa. O religioso dá a cara a comunidade, mas ele não é tudo que a aldeia é, os personagens não são representados só pela sua religião, mas por suas relações que acontecem diariamente. Sendo assim, o filme, principalmente seus personagens femininos, representam, para além do que fica visível, outros elementos importantes e universais, tais como: a forma que o casamento submete a mulher ao marido, as justificativas religiosas para violência doméstica e o descaso do governo apoiado pela religião.

³ Cuando abordo otras culturas tengo miedo de ser demasiado prisionero de mi cultura occidental mi objetivo es tratar de ubicarme en la subjetividad de ese otro, tratando de olvidar un poco los mecanismos de pensamiento de mi propia cultura y así me di cuenta de que muchas veces occidente entiende mal la cultura árabe muçulmana

Tu película puede pesarse a partir de lo que ocurre en francia también, en donde hay actualmente una polémica em torno a la xenofobia

A Francia, como todo país, en una entidad muy compleja. De igual forma que la comunidad árabe, a la que le gustó mucho la película, si bien hay una parte muy minoritaria y machista a la que no gustó nada porque no desea que las mujeres se emancipen. Después está el público francés, que en gran parte es demócrata, y descubrió en la película una maera diferente de encarar el mundo musulmán. Y pudieron identificarse y hallar problemas similares con la sociedad europea. En Francia también hay extremistas, racistas, que o no fueron a ver la película o no les gustó.

A AÇÃO FEMININA OU O PAPEL ATIVO DAS MULHERES

O mote do filme são mulheres que desencadeiam uma greve de sexo e descobrem a si mesmas com a mobilização. A trama começa com algumas mulheres carregando os seus baldes nas costas, percorrendo um caminho irregular de pedras, em meio ao calor escaldante em busca de água, a água da fonte, que serve para o uso de todos na aldeia. A tradição dessa comunidade, originada em um período de guerras, no qual os homens se ausentavam de casa, determinou que era função feminina suprir os lares com água. A partir dessa cena inicial, pode-se acompanhar em paralelo a cena de um parto, o nascimento de uma criança na aldeia. Uma das mulheres está grávida e escorrega entre as pedras, perdendo o seu bebê, simultaneamente, o parto da outra cena é finalizado e a aldeia festeja a vinda de mais uma criança. Leila, a personagem principal, que acompanha o aborto de sua amiga na montanha, experimenta um sentimento de revolta, o que a leva a organizar as mulheres da aldeia em torno de uma greve de sexo. Para ela, o sexo é o único poder que estas mulheres têm sobre os homens, para impor o fim dessa tradição de buscar água, no qual as mulheres arriscam suas vidas e a de seus filhos ainda nem nascidos; um serviço árduo que ela acredita que pode ser evitado, já que, em outras aldeias, há água encanada.

O diretor usa a música como recurso narrativo, sendo as canções entoadas em momentos decisivos. As canções fazem parte da tradição da aldeia e elas são cantadas pelas mulheres no dia-a-dia, em comemorações e em apresentações. Desse modo as músicas utilizadas no filme foram criadas pelo diretor, mas elas sintetizam a ideia do feminino e possuem verossimilhança com a comunidade que o filme procura retratar.

Um exemplo é quando a festa em comemoração ao nascimento de um menino na aldeia é interrompida por Leila, indicando que alguma mudança irá acontecer.

Um bebê nasce do ventre do dia
Um bebê morre nas entranhas da noite
Eu cuspo em você, vida!
Um bebê não deve morrer
Enquanto eu estiver viva!
É seu direito, meu filho
Você não deve morrer.
A água traz a vida,
A água leva a vida...
(A FONTE DAS MULHERES, 0:07:58).

O filme trabalha com a condição da mulher na sociedade islâmica, em que a mulher assume o papel de esposa e mãe, sendo controlada pela religião e pelo marido. Elas vivem em uma aldeia sem os recursos que hoje são considerados básicos, como água encanada e energia elétrica. Tal situação provoca um estranhamento no público receptor em sua maioria é ocidental.

A partir das personagens femininas representadas no filme, podemos questionar algumas tradições patriarcalistas como: o perigo da leitura para as mulheres, o casamento arranjado, a violência doméstica, a virgindade e os métodos de contracepção. Cada personagem feminino representa um conflito, um ponto de vista sobre a tradição que precisa ser questionada. Há personagens femininas centrais no filme que demonstram a visão do diretor em relação as mulheres e a singularidade de cada uma dentro da trama. Elas representam as diversas faces do feminino no decorrer da greve de sexo, a partir da maneira como cada uma reage e transforma a si mesma:

Leila é uma personagem que representa a liderança, inspirada em personagens femininas de obras clássicas da literatura a já mencionada *Lisístrata*, e o clássico da literatura oriental *As mil e uma noites*. As protagonistas dessas duas obras possuem em comum o papel de articuladora, são mulheres que apresentam soluções para conflitos a partir da palavra. *Lisístrata* lidera uma greve de sexo, Sherazad, lidera uma “greve particular” pela vida, amolecendo o coração do Sultão e resgatando o amor. Nesse caso não se trata necessariamente de uma greve, já que para ser greve ela precisa ser anunciada, ela engana o Sultão, usando a inteligência para protelar. Em uma das cenas do filme, um exemplar de *As mil e uma noites* é entregue a Leila pelo marido, indicando uma leitura do feminino, através da sensualidade, do amor, da posse. O livro serviu de inspiração para as mulheres, uma vez que Leila o lia para suas companheiras.

As personagens femininas do filme são projetadas ao mesmo tempo com inteligência e sutileza; vencem pela palavra, não há agressividade no feminino. Para Mihaileanu, 2012 “acreditar na força do poder feminino é acreditar na serenidade. Eu uso a palavra “fonte” no título do meu filme porque as mulheres são a fonte de tudo que é sereno”. A mulher como algo sereno, como representação do amor, da água, é uma visão clássica e muito difundida em relação ao feminino. O filme não vem para quebrar com essa dicotomia entre homem e mulher, mas mostrar que, para além disso, a mulher consegue se organizar e realizar seus

interesses por meio de uma mobilização ou de ações particulares, como o caso de Sherazad, e, mesmo de forma limitada, modificar estruturas de poder ao seu redor.

Esmeralda, a única personagem que participa da greve e não é casada, sente o peso de ser mulher e acrescenta outras reivindicações a sua luta, como o fim do casamento arranjado e a possibilidade de contracepção. Leila assume, nesse caso, um tom precavido, alertando no sentido de que as coisas são mudadas aos poucos: primeiro a questão da água, depois outras necessidades surgirão. A personagem Esmeralda, a cunhada de Leila, representa uma nova geração de mulheres: ela pretende sair da aldeia, conhecer a vida, ter menos filhos e viver sua paixão por Slim, um rapaz de outra aldeia. Leila a ajuda a escrever cartas para o rapaz e, depois, descobre-se que as cartas enviadas como resposta não são escritas pelo rapaz, mas pela própria Leila, uma vez que Slim se casara com outra, uma garota rica. Esmeralda, depois da greve de sexo, foge da aldeia e deixa uma carta para Leila. Ela sai em busca do seu destino. Essa alegoria é comum em contos de fadas alemães e ingleses, nos quais, os rapazes, quando chegavam a idade adulta, saíam de casa em busca do seu próprio destino, enquanto as mulheres permaneciam esperando que alguém decidisse o seu. Na figura da Esmeralda a mulher deixa de ser coadjuvante e passa a ser protagonista, indo em busca do seu próprio caminho. O fim da greve de amor é o início de uma nova jornada, uma jornada pessoal em que cada personagem feminino realizará em busca de si. Ao espectador, fica a sensação de que nada termina ali, por mais que o filme tenha um final fechado, as possibilidades continuam a partir do caminho e das discussões que ele gera.

Leila, com o decorrer da greve, sofre várias transformações, mudando a percepção que tem de si, reconhecendo que a sociedade é transformada a partir do lugar que se ocupa. Em determinado ponto do filme ela pergunta ao marido: “O que é uma mulher para um homem”? Ela quer saber, na verdade, o que é uma mulher para si mesma e a diferença entre como ela se vê e aquilo que dizem que ela é. As respostas dadas pelo marido funcionam como um espelho que pudesse refletir a própria Leila ou o que ela se tornou. A luta deixa de ser só pela água e culmina em uma resignificação de si mesma. A água é uma metáfora para a vida e a fluidez do amor: seria possível existir amor em uma relação de subordinados, onde a mulher não toma decisões diante do marido? A relação entre Leila e Sami, o seu marido, é mais igualitária nesse sentido. Velho Fuzil, outra participante da greve, pergunta a Leila, “você quer resgatar o amor na aldeia através de uma tubulação”? Conseguir a água representa um

meio de equilibrar essa relação desigual, de mostrar a importância da mulher e que os homens se preocupam com o seu cansaço e com as suas vidas e lutam pela manutenção da família.

A personagem Yasmina, apanha muito do marido no decorrer da greve. As mulheres da aldeia enfrentam caladas a violência, pois, até certo ponto, ela é legalizada pela religião. Em uma passagem do Corão o profeta instrui os homens que batam em suas mulheres como maneira de educá-las, desde de que evitem golpes violentos. A passagem em questão diz:

Os homens são os protetores das mulheres, porque Deus dotou uns com mais (força) do que as outras, e pelo o seu sustento do seu pecúlio. As boas esposas são as devotas, que guardam, na ausência (do marido), o segredo que Deus ordenou que fosse guardado. Quanto á aquelas, de quem suspeitais deslealdade, admoestai-as (na primeira vez), abandonai os seus leitos (na segunda vez) e castigai-as (na terceira vez); porém, se vos obedecerem, não procureis meio contra elas. Sabei que Deus é Excelso, Magnânimo. O CORÃO (AS MULHERES, 4: 34).

O difícil é saber qual seria esse limite e como decidir que um golpe foi violento ou não. A greve para os homens é ilegítima, levando em conta as funções da mulher na aldeia. Seus maridos são os principais opositores da greve, eles e os homens mais velhos da aldeia. Velho Fuzil a ensina a criar estratégias para poder continuar a greve sem sofrer agressões do marido, por meio de uma resistência pacífica e sutil, estar em greve sem que o marido perceba. O que lembra a história de Penélope, personagem de *Odisseia*, que espera a volta do marido da guerra. Devido a sua demora, ela se vê obrigada a prometer casar novamente, mas só depois de terminar de tecer um manto, que ela fiava no decorrer do dia e a noite, secretamente, desmanchava, adiando o futuro casamento. Diante da impossibilidade de decidir seu destino, ela o adiava. O conflito ganha força no desespero masculino diante da afronta das esposas, que se reflete nas agressões físicas. Depois da primeira manifestação pública da greve, divulgada aos turistas através da música, os homens tomam consciência da greve de sexo e as agressões e resistências se intensificam.

A tensão da narrativa é amenizada pelo humor, por meio de outras duas personagens: Rachida e Malika. O humor é usado como forma de amenizar momentos de conflito intenso, como na ocasião em que a greve é decidida na casa de banho. O espectador é inserido na rotina dessas mulheres, em momentos como cozinhar, lavar e costurar. Além disso, o formato musical dá a obra leveza aos conflitos e é usada pelas mulheres como forma de se expressar, criticando o papel da mulher. O filme, nesse sentido, lembra uma comédia ao estilo grego, com função de falar do dia-a-dia, fazer críticas políticas e sociais, diferente da

tragédia que ensinava através do arquétipo do herói. No filme, assim como em uma comédia grega, as músicas trazem à similaridade com os diálogos presentes na peça que são humorados e críticos. O humor também é uma marca do autor, assim como situações aparentemente surreais, encontradas em seus outros filmes.

Como foi citado anteriormente, é por meio de uma canção, - a segunda canção do filme em que as mulheres unidas fazem sua apresentação para turistas, que a greve se torna pública:

Coral – Ouça sua mulher! Os turistas dão o dinheiro, para onde ele vai? Onde desaparece? Porque essa fortuna se torna vento?
E você fica em casa
Sem água na aldeia não há trégua para nós (A *FONTE DAS MULHERES*, 0:24:57).

Os turistas ficam alheios ao que a canção diz, talvez uma estratégia para ironizar a dificuldade de alguém de fora compreender a cultura do outro, seja pela incompreensão da língua ou pelo uso da cultura do outro como meio de entretenimento. A canção também alerta sobre o uso inadequado do dinheiro da comunidade que, no caso, não é usado para beneficiá-las.

A quarta canção é para lembrá-las sua importância dentro da sociedade e a forma como os homens a subjugam, e por isso elas devem resistir com a greve, devem buscar o reconhecimento:

Velho Fuzil – A mulher é um capacho
Pisado por quem quer que seja
A mulher é como um animal, um burro de carga para o homem
Para agradar a ele,
Ela faz as tarefas
Como o burro, que carrega o fardo sozinho
Que vergonha, suas tontas completamente subjugadas
Acordem.
Se eles são cegos, enxerguem por dois
Ergam as cabeças, como bandeiras se não querem ser devoradas!
(A *FONTE DAS MULHERES*, 0:30:17).

As canções são parte da consciência do que é ser mulher naquela comunidade e qual o lugar que nela ocupam, instigando a luta. Durante a cobertura do festival de Cannes, o G1 conversou com o elenco do filme e com o diretor.

Questionado sobre as recentes revoltas populares nos países árabes, Mihaileanu comentou que tem assistido aos acontecimentos com esperança, mas lamentou a ainda limitada participação feminina nos protestos. “São revoltas muito importantes. Na Tunísia, a gente vê mulheres lutando lado a

lado com homens, mas esse é o primeiro país árabe a pedir liberdade para elas. Nos outros países, ainda são poucas. É preciso agora que aconteça uma segunda revolução, a revolução dentro de casa (ASSIS, 2011, on-line).

Essa é a mensagem que o diretor quer passar, as mulheres precisam se mobilizar e lutar por melhores condições. A sogra de Leila é contra a greve de sexo, não só pela sua visão em relação a função da mulher, mas pelo que Leila representa. Fátima quebra com a ideia de bom e ruim, quando descobrimos que ela foi obrigada a se casar ainda jovem com um homem mais velho e teve que assumir logo o papel de mãe, compreende-se o seu lado humano, a forma como ela vê as coisas.

Aliás nenhuma personagem em momento algum representa puramente o bem e o mal, e, mesmo os que são contra a atitude das mulheres, não exercem esse papel de vilão. A atmosfera criada pelo diretor busca colocar o espectador para além dos estereótipos de conservadores, machistas ou mulheres do lar, mesmo que eles representem esse papel, mostrando que as relações humanas são mais complexas. O exemplo é o caso de Fátima, que aprendeu a se calar, escondendo a sua infelicidade, fruto de um casamento arranjado e de um filho que atrapalhou sua juventude. No fundo, a personagem sente raiva de Leila, ciúmes do marido e de Sami, seu filho mais novo, e das realizações que a protagonista teve enquanto mulher e esposa.

A Velho Fuzil é uma das personagens mais marcantes da trama, pois representa o que seria essa realidade feminina e o seu papel na sociedade. A sua fala é impactante, trazendo à tona a necessidade da greve. Fuzil conhece a história de cada uma das mulheres, sendo, por isso, respeitada. Numa comunidade que preserva a ideia dos anciãos como grandes instrutores para a vida, Fuzil é uma influência para as mulheres de sua comunidade. A metáfora do nome é esclarecedora: as palavras são uma arma. Quando a greve é proposta por Leila na casa de banho, ela é uma das que se levantam e de imediato se assume a favor. Usa como argumento para mobilizar as mulheres o seu papel fundamental de preservar a vida dos filhos.

Velho Fuzil – Um dia, um francês me perguntou: “Quais foram os momentos mais felizes de sua vida?” “Eu respondi: “Até os meus 14 anos”.

Todas vocês sabem porquê. Quando eu tinha 14 anos, fizeram-me casar. E o conheci na noite de núpcias. Não antes. E, como vocês todas, eu só o vi na manhã seguinte quando ele abriu as persianas. À noite, eu não o vi. Estava escuro. Ele só me violentou. Eu achava que um marido sentava na cama ao lado da esposa e segurava a mão dela. E que era gostoso. Ele tinha 40 anos e já tinha dois filhos. Um de 10 e outro de 11. A mãe deles tinha morrido após

uma longa doença meses antes. Aos 14 anos, eu me tornei mãe de crianças da minha idade. Depois, dei à luz 19 vezes. Doze morreram, dos quais dois na montanha perto da fonte.

Você, Moufida, deu à luz 12 vezes, cinco bebês morreram. Você, oito vezes, três bebês mortos. Você, Yasmina, 6 vezes,, não é? 3 bebês mortos! É a tradição, estamos acostumadas, metade das crianças que tivemos morre. Por muito tempo, fui tratada como pária. Meu marido queria me repudiar dizendo que eu era estéril. Hoje, tenho 7 filhos todos bem de saúde graças a Deus. Então, como eu poderia ser feliz depois dos 14 anos? Quando?

Leila tem razão. Ela vem de longe, é verdade, do sul. O vento do deserto deu a ela a coragem de respirar enquanto nós prendemos a respiração. Os homens têm que trazer água! (*A FONTE DAS MULHERES*, 0:13:28).

Apesar da mobilização da greve e da consciência da realidade, tem-se que atentar para o contexto e local no qual a trama se passa, a visão de mundo que estaria presente para essas mulheres, bem diferente da atmosfera do feminismo como se conhece nos países ocidentais. Na aldeia muçulmana, as mulheres preservam as funções básicas, como cuidar da família e do marido e lutar pela água, o que significa lutar pela preservação da vida e pela manutenção do lar. Apesar das diferenças com o ocidente, no filme, as relações entre homens e mulheres são construídas através do amor, mesmo com os casamentos arranjados. O autor utiliza o afetivo para explicar como o feminino se mantém e preserva a vida em conjunto.

A terra diz que não pode dar a vida sem água

A fonte divina das mulheres

Não é a água

A fonte das mulheres é o amor.

(*A FONTE DAS MULHERES*, 1:57:29).

A visão central da história acontece a partir das mulheres, aos poucos, a visão masculina aparece contrastando com a perspectiva feminina e, em terceira instância, o Estado que junto com a religião organiza e coordena a ação dos homens. Com a insubordinação das mulheres, os homens são obrigados a recorrer aos sacerdotes e também ao Estado, mesmo que estes aparecem em momentos separados não são independentes entre si e um reforça o outro. Os costumes religiosos de certa forma legitimam o atraso e o descaso do Estado em relação a aldeia.

O sexo se torna o único meio de libertação feminina, de chamar a atenção dos homens. E ele precisa ser exposto, a exposição acontece de duas formas: através das canções e através da mídia. Diante do conflito, os personagens masculinos assumem posições diferentes no enredo da história.

A REAÇÃO MASCULINA OU O LUGAR PASSIVO DOS HOMENS

A reação masculina a greve de sexo se visualiza em dois grupos: aqueles que apoiam e os que são contra. Entre os que apoiam, o principal é Sami, o esposo de Leila, e Karim, amigo de Sami, além de outros não são apresentados por nome e nem possuem falas de destaque. Sami é professor o que faz com que ele não negue o conhecimento a esposa ensinando-a a ler e escrever e a criar meios de contestar a condição feminina através das palavras, ele cumpre sua função de educador e durante o filme defende a educação das meninas. A parte que apoia a greve pode ser representada como uma nova geração de homens. Os mais velhos repudiam a ação feminina e procuram sanções para tal ato.

Sami e alguns homens que apoiam a greve são a favor da resolução por meio do governo, que deveria fazer cumprir o requerimento apresentado a subprefeitura solicitando o fornecimento de água e que foi enviado há mais de dois anos. Durante uma reunião entre homens para decidir o que deveria ser feito em relação às mulheres, um dos presentes se manifesta da seguinte forma.

Senhores, o Estado é uma coisa, a afronta das nossas mulheres é outra. Elas estão desafiando a lei, o Alcorão a tradição e se recusam a procriar! E estão abalando nossa autoridade. Isso tudo diante dos nossos filhos! (A FONTE DAS MULHERES, 0:41:27).

Fica claro na obra o descaso do governo em relação à comunidade e que os costumes beneficiam a ignorância da comunidade em relação ao papel que o Estado deveria exercer. Quando a reunião é encerrada, um grupo de homens questiona a decisão dos mais velhos, em repudiar a greve e garante que a solução para o caso seria a água encanada, aceitando a reivindicação feminina.

Karim – Porque eles são tão conservadores e violentos?
Homem - A solução?
Sami – Água corrente. E não receber mais ordens desses velhos.
(A FONTE DAS MULHERES, 0:42:51).

Quais seriam os limites da tradição e porque escolher não mudar? A quem isso favorece? Está claro que a tradição é mantida por escolhas e que se referindo a cultura nem tudo permanece o mesmo. A aldeia não se configura da mesma forma que antes, quando foi criado o costume das mulheres irem buscar água na fonte; as condições eram outras, os homens partiam para as guerras e cabiam as mulheres manter a aldeia e cuidar dos filhos. Contudo, a guerra acabou e o costume da água permanece; já que as condições são outras,

então porque elas não podem questionar a respeito, se os homens não permanecem da mesma forma de antes? É o que Leila fala ao seu sogro, Hussein.

Hussein – Leila, não faça guerra com os homens, meu avô e meu pai tiveram que entrar na guerra contra colonizadores de outras tribos, para defender nossa tribo, nossa família. Para defender a fonte também. Enquanto as mulheres, e as crianças estavam no abrigo, muitos morreram. Os homens iam longe para caçar e trazer comida para a comunidade. Isso nunca foi fácil. Leila – Eram guerreiros.

Hussein – Guerreiros valentes, corajosos, arriscavam a vida por suas famílias. Depois eu e outros da minha idade fomos mais longe por causa da seca, para procurar do que viver, nunca pedimos a vocês para fazer nosso trabalho, porque? Por que é a tradição, o ciclo da vida. Hoje por causa da seca nada mais cresce, os animais mal têm o que comer. Não há mais trabalho.

Leila – E nem guerra.

Hussein - Guerra! Procurar trabalho, ganhar dinheiro, tornou-se uma batalha para nós homens. Acha que os homens, o que quer que aconteça, procuram a guerra? É isso?

Leila – Não é mais preciso proteger a família, nem proteger a casa, nem fazer guerra, basta viver dentro dela em paz, a nós mulheres a paz não assusta. (A FONTE DAS MULHERES, 1:04:12).

Nesse aspecto, o enredo do filme é diferente de *Lístrata* no qual a greve de sexo é realizada para pressionar os homens a pôr fim ao conflito entre as cidades de Esparta e Atenas. Aristófanes utiliza a greve como crítica a democracia e propõe a paz entre as cidades estado, ridicularizando os homens, utilizando a figura feminina com a intenção de mostrar aos homens a irracionalidade dos seus atos, diante de uma guerra que não beneficia ninguém. No filme os homens passaram por um período de guerras e se tornaram heróis de guerra, eles já retornaram para casa e vivem um período de paz orgulhosos de seu papel, que seria de zelar e proteger a aldeia. No momento do filme, a situação enfrentada é outra, a dificuldade está fora da aldeia: os homens velhos ficam no único bar da aldeia e passam os dias dessa forma, enquanto os mais novos vão para as cidades procurar emprego. A intenção da greve, diferente do papel que ela exerceu na Grécia, não é ridicularizar o feminino, mas falar do feminino em si, e de certa forma dizer que a postura masculina de assumir o papel de herói de guerra não justifica a tradição criada para espoliar as mulheres.

Fica evidente a visão do diretor em relação ao velho significar o atraso, enquanto o novo se torna o agente da mudança. Mas essa visão não é reducionista, personagens como o Hussein, sogro de Leila, e o líder religioso o Imame são velhos, possuem seus pontos de vista formados, mas escutam a Leila, questionam suas crenças e veem lógica naquilo que a Leila diz. Tanto no âmbito doméstico, como no religioso, a instrução que é dada a Leila, a partir do

Corão, um privilégio exclusivo dos homens, torna-a igual, possibilitando discutir frente a frente com Imame. A personagem argumenta, com base na religião, sobre o direito a igualdade a irmandade que existe entre todos os muçulmanos. O sogro, mesmo que não apoie a greve – no início sugere a Sami que se case novamente –, é capaz de “relativizar” determinadas ideias tradicionais com as necessidades do momento. No decorrer da trama, quando o filho lhe conta que Leila não casou virgem, ele pede que não a repudie e mantenha tudo em silêncio. Hussein tem apreço por Leila e respeita sua fala, mesmo não concordando com suas ideias. Nesse sentido, o seu comportamento é distinto dos outros velhos, já que passa mais tempo em casa e não se reúne com eles no bar, preferindo cuidar de sua plantação de abróteas, o que para os outros homens é um trabalho inútil.

O novo pode significar a mudança, mas é a sensatez, o conhecimento e a experiência pessoal, como a da Velho Fuzil, que teve um casamento infeliz, que define o comportamento de cada uma durante a greve.

Sami e a Velho Fuzil exercem os papéis de sustentar os argumentos da greve: Velho Fuzil o realiza a partir de sua própria experiência como mulher e Sami a partir do seu conhecimento como intelectual. A defesa da educação é proposta por Mihaileanu uma vez que, em sua visão, possibilita a convivência entre pessoas e o respeito a cultura. Sami entende a dinâmica da cultura e que as coisas precisam mudar, representando o “islã iluminado”.

O apoio de Sami se torna fundamental para a narrativa, dando a mulher os meios para que ela se informe e possa rebater os argumentos masculinos. A sua figura serve como moderador do conflito, lembrando a Leila a importância de se lutar pelo que quer, mas com respeito e argumentos, de maneira pacífica.

A resolução da greve se dá a partir da participação de Sofiane, um jornalista que divulga a greve e a partir do seu artigo, conseguindo o apoio da sociedade e também espalhando o temor de que esse tipo ação possa mobilizar outras aldeias e trazer à tona a corrupção que envolve o Estado. Isso foi crucial para que o Governo decida atender à reivindicação das mulheres. Sofiane vai para aldeia como pesquisador de insetos e também para resgatar o amor de Leila. Eles foram amantes no passado, mas ele a deixou para se casar com uma mulher rica. Sofiane tenta se reaproximar de Leila quando retorna à aldeia. O seu estudo sobre insetos é apenas um pretexto para que ele a procure. Em entrevista no festival de Cannes, Mihaileanu, compara o seu personagem a forma como muitos encaram a vida, menosprezando os detalhes e as peculiaridades do dia-a-dia em busca de coisas maiores.

De forma metafórica, ele só está interessado em coisas pequenas, insetos. Hoje, estamos interessados somente em grandes negócios que existem em um mundo cada vez mais virtual. Para mim, o mundo real, a vida real está nos detalhes. Se você matar essas pequenas criaturas, você mata a vida. Quando ele traiu Leila, era para uma mulher rica. Ele não prestou atenção aos detalhes. Leila não era rica, era uma coisa pequena. Mas aquela coisa pequena era amor verdadeiro, sincero. Nossos olhos são atraídos para o grande, espetacular, enquanto há muitas coisas maravilhosas do nosso lado. Todas essas pequenas coisas que fazem a beleza da nossa vida (DENIS, 2011, on-line).⁴

A princípio ele não aceita falar sobre a greve, até que assiste à apresentação das mulheres na festa da colheita que reúne várias aldeias. Antes da festa os homens descobrem a intenção das mulheres em divulgar a greve e contratam uma espécie de grupo de mercenários para aprisioná-las temporariamente em uma gruta. As mulheres, todavia, arquitetam outro plano: vestem os seus filhos com burcas e, enquanto estes são mantidos prisioneiros, elas seguem para a festa. Lá, interrompem a apresentação masculina.

Coral – Dizem que é um bom ano
O ano é bom porque a colheita é boa
Eis as notícias de nossa aldeia
Nossos homens estão ocupados tomando chá
Suas bolas estão cheias,
Mas o coração vazio
Não é triste deixar a flor murchar
Quando os homens desde sempre a regaram?
O homem a rega com prazer
Abram bem os ouvidos e ouçam
Não há água na aldeia?
Então, não há trégua
Nós mulheres estamos em greve...
(A FONTE DAS MULHERES, 1:44:04).

Com a apresentação na festa da colheita e com o artigo de Sofiane a greve ganha visibilidade. O medo que o conflito ganhe proporções maiores e que outros grupos femininos comecem a se mobilizar faz com que o governo ceda a pressão da greve e comece a realizar a

⁴ Texto original: *Dans le film, êtes-vous présent dans la peau du journaliste?*

Oui. Parce que de manière métaphorique, il ne s'intéresse qu'aux petites choses, aux insectes. Aujourd'hui, on ne s'intéresse qu'à des grosses affaires qui existent dans un monde de plus en plus virtuel. Pour moi, le vrai monde, la vraie vie sont dans les détails. Si on tue ces petites bestioles, on tue la vie. Quand il a trahi Leila, c'était pour une femme riche. Il n'a pas fait attention aux détails. Leila n'était pas riche, c'était une petite chose. Mais cette petite chose était le vrai amour. Sincère. Nos yeux sont attirés par ce qui est gros, spectaculaire, alors qu'il y a tant de petites choses merveilleuses à nos côtés. Toutes ces petites choses qui font la beauté de notre vie.

construção da tubulação. O personagem de Sofiane contribui para que a greve seja visível para além da aldeia mostrando o papel que a mídia pode exercer como um meio de divulgação de ideias e causas.

Em decorrência do lançamento do filme na França, foi feita uma pesquisa pela *Meetic*, empresa que promove serviços de encontros virtuais, a pergunta aos franceses: “como eles agiriam se a sua parceira fizesse greve de sexo e se isso faria com que eles participassem mais dos serviços domésticos”. Em uma entrevista do diretor a Meetic, diálogos em torno do amor e do casal hoje, Mihaielanu falou de sua opinião pessoal em relação a greve.

Isso me despertaria, porque se ela for forçada a fazer um ataque de amor, é sério. Porque imagino que, se estamos juntos, ela se priva também, o que significa que não vi algo muito importante nela, então eu tenho a culpa apenas por isso. Não vi um sofrimento evoluir nela. É necessário reparar essa subjetividade lá e depois veremos se é certo ou não. Quando amamos devemos reparar o sofrimento, isso é chamado de generosidade (Meetic, 2012, vídeo on-line).⁵

Ele apresenta uma ideia sobre amor presente em suas narrativas, quando se trata de relações que estabelece com o outro, seja dentro da cultura ou como forma de melhorar o convívio humano, a prática da empatia, de tentar compreender o outro e suas necessidades e a buscar por diálogo. Isso fica exposto no filme, principalmente na figura de Sami, o marido de Leila, que mesmo criado em uma cultura tradicional, busca olhar para Leila a partir de suas necessidades e está aberto as mudanças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de seu caráter peculiar, a greve de sexo não se encerra nos exemplos ficcionais e no caso turco que inspirou a produção de *A fonte das Mulheres*. Em 2002, por exemplo, Leymah Gbowee, ganhadora do Nobel da paz em 2011, mobilizou mulheres cristãs e mulçumanas da Libéria, e negociou, com sucesso, o fim de um conflito civil que já existia há 12 anos. No Brasil, a *Folha de São Paulo* registrou um caso similar em Campinas, na

⁵ Texto original: Ca me réveillerait car si elle est amenée à faire la grève de l’amour, c’est grave. Parce ce que j’imagine que si on est ensemble, elle a du désir pour moi et que si elle fait cette grève elle se prive aussi, ça veut dire que je n’ai pas vu quelque chose de très important en elle, donc je suis fautif ne serait-ce que pour ça. Je n’ai pas vu une souffrance évoluer en elle. Il faut réparer cette subjectivité là et après on verra si elle a raison ou pas. Quand on aime on doit réparer la souffrance, c’est ce qu’on appelle la générosité. Et l’amour sans générosité

comunidade do Jardim Columbia, também chamada de Menino Chorão. Lideradas por Maria do Carmo Pereira, as mulheres se organizaram para punir maridos violentos com as esposas. Dentre as punições, estavam a privação de sexo ou qualquer atividade de lazer e bebidas alcoólicas, durante quinze dias. Na época da reportagem, fazia dois anos que a comunidade se organizava desta forma. Os homens eram fiscalizados e punidos pelas esposas. Em casos de relutância, o agressor poderia apanhar da mulher e em casos mais graves ser expulso da comunidade.

A fonte das Mulheres é uma reflexão sobre a condição feminina, ficção articulada com a realidade com o intuito de demonstrar o papel exercido pelo indivíduo na história. Diante das ideias apresentadas sobre o diretor, percebe-se que ele procura discutir temas atuais e tem uma atuação intelectual dentro do cinema, participando ativamente de movimentos que se preocupam com questões sociais relevantes. Nesse sentido, através do cinema, expõe a sua visão sobre questões humanas e principalmente encara a vida como trágica e cômica.

O cinema como obra de massa tem o poder de atingir o público, mesmo que restrito pela forma em que é elaborada. A opinião de Radu Mihaileanu a respeito da mudança através do cinema no 33º Festival Internacional de Filmes - FIFA, no qual ele foi presidente do júri, durante o festival, onde ele respondeu a questões relacionadas ao papel do festival e dos atores.

Crises, guerras, ataques, populismo.... Em uma época como a nossa, qual o papel que o cinema pode desempenhar?

O cinema pode mudar o curso das coisas? Infelizmente, a resposta é não. No entanto, se a arte nunca conseguiu ter um efeito imediato, ainda acredito que pedra após pedra, a civilização, a paz e a convivência são construídas sobre a arte. Claro, sempre é triste quando estamos no meio da tempestade e vemos a estupidez de não encontrar as chaves, como artistas, para convencer as pessoas e ajudá-las a viver melhor (LaLibre.be. 2017, on-line).⁶

O filme contribui com o pensamento histórico a partir do momento em que ele mostra, através da ficção, questões atuais e a forma como o ser humano supera essas

⁶ Texto original: **Crise, guerres, attentats, populisme... Dans une époque comme la nôtre, quel rôle le cinéma peut-il jouer?**

Le cinéma peut-il changer le cours des choses ? Hélas, la réponse est non. Cependant, si l'art n'a jamais pu avoir un effet immédiat, j'ai malgré tout la conviction que pierre après pierre, la civilisation, la paix et le vivre-ensemble se sont bâtis sur l'art. Bien sûr, c'est toujours désolant lorsque nous sommes au milieu de la tempête et que nous voyons la bêtise monter de ne pas trouver les clés, en tant qu'artistes, pour convaincre les gens et les aider à mieux vivre.

questões. O filme alerta também sobre o perigo das ideologias e a importância de se procurar caminhos pacíficos e que levem ao maior questionamento do indivíduo. Ele constrói uma narrativa do dia a dia de um grupo de mulheres e de como elas conseguem interferir em sua realidade e, principalmente, o filme permite um olhar sobre a condição feminina tanto em sociedades tradicionais quanto na sociedade moderna.

REFERÊNCIAS

- A FONTE DAS MULHERES** (La source des femmes, França, Bélgica, Itália, 2011). Direção Radu Mihaileanu. Elenco: Leila Bekhti, Hafsia Herzi, Baya Bouzar, Hiam Abbas, Sabrina Quazani, Saleh Bakri, Mohamed Majd. Comédia Dramática. Cor. Som. DVD. 136 minutos.
- ASSIS, Diego. **Em Fábula Moderna, muçulmanas fazem greve de sexo contra tradição**. Do G1 em Cannes, 2011. Disponível em: <http://g1.globo.com/festival-de-cannes/2011/noticia/2011/05/em-fabula-moderna-muculmanas-fazem-greve-de-sexo-contra-tradicao.html>. Acesso em: 27/10/2017.
- Cineuropa. **Cultura, o único motivo para a esperança/Radu Mihaileanu/Forum D'Avignon 2012**. Disponível em: <http://cineuropa.org/it.aspx?t=interview&l=en&did=228181>. Acesso em 02/08/2017.
- DENIS, Fernand. **Radu Mihaileanu ilumina as apostas da Primavera árabe**. Disponível em: <http://www.lalibre.be/culture/cinema/radu-mihaileanu-eclairer-les-enjeux-du-printemps-arabe-51b8de59e4b0de6db9c404bb>. Acesso em: 27/10/17
- EICTV. **Entrevista a Radu Mihaileanu**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1fac7_sxyAg. Acesso em: 23/10/2017.
- ESTADÃO, Internacional. **Mulheres turcas fazem greve de sexo**. Agencia Estado, notícias geral, São Paulo, p. 1. 14 de agosto de 2001. Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,mulheres-turcas-fazem-greve-de-sexo,20010814p26060>. Acesso em: 16 de outubro de 2017.
- LALIBRE.BE. **Fifa: "Foi um festival extraordinário"**. Disponível em: <http://www.lalibre.be/regions/hainaut/fifa-c-etait-un-festival-extraordinaire-58a9f531cd702bc319497480>. Acesso em 06/11/2017
- MEETIC. **Radu Mihaileanu, Entrevista: A Fonte das Mulheres**. Disponível em: <https://www.meetic.fr/pages/uptodate/live/tendances/radu-mihaileanu-interview-la-source-des-femmes>. Acesso em: 05/11/2017
- NAPOLITANO, Marcos. **A História depois do papel**. Em: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.); **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2011.
- NUNES, Roni. C7nema, **Entrevista a Radu Mihaileanu**. Disponível em: <http://www.c7nema.net/entrevista/item/39112-entrevista-a-radu-mihaileanu.html>. Acesso em 31/07/2017.
- O CORÃO SAGRADO. **As Mulheres**. Tradução de Samir El Hayek. eBooksBrasil.org, 2006. Pdf

OBREGÓN, Ezequiel. Escribiendocine, entrevista, **“Todas las historias que cuento me desplazan a culturas y tiempos diferentes”**. Disponível em: <http://www.escribiendocine.com/entrevista/0004559-radu-mihaileanu-todas-las-historias-que-cuento-me-desplazan-a-culturas-y-tiempos-diferentes/>. Acesso em: 28/08/17.

SANTOS, Fábio Santiago. **O filme na história cultural: caminhos e possibilidades**. *Cordis*. História, Cinema e Política, São Paulo, n. 16, p. 269-293, jan. /jun. 2016. Pdf

SIQUEIRA, Tatiana Lima. **Joan Scott e o papel da história na construção das relações de gênero**. *Revista Ártemis*, vl 8, 2008. Pdf

